

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

4 ricardo antunes



MÓDULO I

TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE
VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS.
DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

4 ricardo antunes

A MORAL É BURGUESA?
– TUDO COMEÇOU COM O PATRÃO...?
A moral da classe trabalhadora

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:**
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antunes, Ricardo
Moralidades, amoralidades, imoralidades
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 1 /
Ricardo Antunes. -- São Paulo : Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina
de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2022.
PDF.
ISBN 978-65-87592-05-3
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-100959

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA

Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I **TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO** **DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS** **ÉTICOS** **- DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?**

A ética começa quando
entra em cena o outro.

UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade presente nas sociedades, no que diz respeito às construções morais, com o propósito de apresentar visões diferentes, não para confrontá-las, mas para apontar as contradições, os conflitos e as possibilidades de diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.

FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?

As morais dos povos antigos, a moral dos orientais, a moral africana, a moral pré-socrática.

Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?

As morais negras, as morais indígenas...

Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?

As morais femininas, LGBT, queen...

Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Este ciclo é mais uma ação do Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, uma unidade voltada à reflexão crítica e à produção de conhecimento nos campos da educação, arte, gestão e mediação cultural. Convidamos você a conhecer a [Revista do CPF](#), disponível gratuitamente no site do Centro, composta por artigos temáticos e estudos especiais. Acompanhe também a série de lives que acontecem às terças, quintas e sábados, às 16 horas, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#).

Continuamos a transcrição das nossas conversas do ciclo “moralidades, amoralidades, imoralidades: conversa sobre ética”. Este Encontro 4, que aconteceu em primeiro de julho de 2021 e encerrou o primeiro módulo, teve como tema “Tempos e espaços de criação de valores morais e princípios éticos. Dominação ou pluralidade?”. Para esta conversa, convidamos o professor Ricardo Antunes para apresentar e debater: “A moral é

burguesa? Tudo começou com o patrão?”.

O debate será mediado pela professora Terezinha Azerêdo Rios. Ela é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP.

Passo a palavra à mediadora para apresentar o nosso convidado.

terezinha azerêdo rios

Um título que provoca: “O privilégio da servidão”

Bem-vindos! Estou muito contente por podermos encerrar este primeiro módulo do nosso projeto que estamos desenvolvendo desde o dia 10 de junho: conversas sobre ética. Pretendemos mesmo ter aqui uma roda de conversa, de diálogo, de possibilidade de partilha de ideias, sentimentos, crenças. Quisemos muito que fosse mesmo na diversidade que se desse esse diálogo, e temos conseguido isso, felizmente. Na primeira fase, fizemos algumas provocações e colocamos algumas perguntas. A primeira era: “Tudo começou na Grécia? A moral é ocidental?” O professor Renato Janine Ribeiro veio nos ajudar a pensar um pouco como se dá esse fenômeno da moralidade, como as pessoas aderem a determinados valores, criam, transformam.

A seguir, fizemos outra provocação: “Será que tudo começou com Adão? A moral é masculina?” E a professora Halina Macedo Leal nos ajudou a pensar sobre isso. Entre a professora Halina e o professor Re-

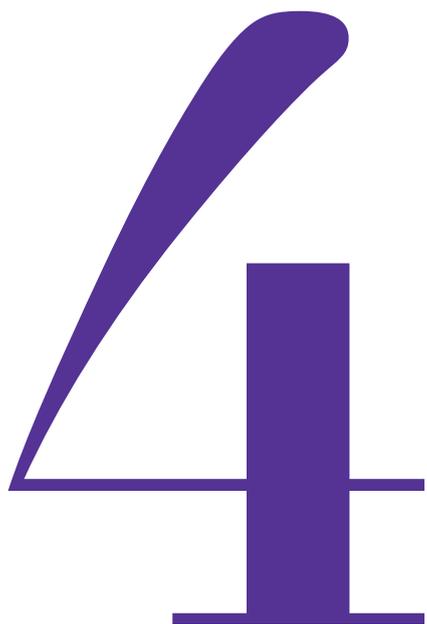
nato Janine, tivemos a possibilidade de ter o professor Renato Nogueira, que respondeu às perguntas: “A moral é branca? Tudo começou sem melanina?”. O que a gente foi descobrindo é uma pluralidade de morais, de organizações da vida e projetos diferenciados.

Hoje, para provocar mais, vamos entrar no departamento da classe social e as perguntas que a gente propôs ao professor Ricardo Antunes são: “Tudo começou com o patrão, com o rei? Será que a moral é burguesa?” Que alternativas temos para responder a essas perguntas? Eu acho que não poderíamos escolher melhor alguém para falar sobre isso.

Ricardo Antunes é professor titular de sociologia do Instituto de Sociologia do Trabalho, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. É autor de inúmeros livros que nos provocam também, entre eles: *Os sentidos do trabalho*; *Adeus ao trabalho?*; *Uberização, tra-*

*balho digital e indústria 4.0; Corona-
vírus: o trabalho sob fogo cruzado. E
um que está provocando mais ain-
da a gente: O privilégio da servidão.*
Eu achei esse título danado, e estou
com uma expectativa grande de
você nos dizer algo sobre isso. Mas
a pergunta é: Será que tudo come-
çou daquele jeito? Será que a gente
pode falar em uma moral da classe
trabalhadora? Agradeço muito o
Ricardo, e falo da minha satisfação
em tê-lo aqui conosco. Queremos
ouvir você.





ricardo
antunes



[...] atenção, se há uma moral burguesa, a moral não nasce com o capitalismo. Esse modo de vida fez erigir a moral burguesa e torná-la dominante.

Mas é importante recordar que foi uma longa construção, que levou pelo menos três séculos para se consagrar vitorioso. Sabemos que o capitalismo não se tornou dominante na Revolução de Avis em Portugal, e também não se tornou dominante na Revolução Comercial, durante o Renascimento italiano nos séculos XV e XVI. O capitalismo se tornou dominante com a Revolução Industrial na Inglaterra e depois com a Revolução Francesa, ambas no século XVIII. Foram pelo menos três séculos para que a classe burguesa se tornasse dominante, para que seu universo valorativo conseguisse se sobrepôr à moral da nobreza e da igreja católica, dominante no feudalismo

ricardo antunes

O trabalho é uma questão crucial da humanidade

Obrigado, Terezinha, boa noite a você, boa noite ao Fernando Rios, boa noite à Sabrina da Paixão Brésio, boa noite a todos e todas que nos veem, nos assistem. É uma satisfação muito grande. Quando o Fernando fez esse convite para mim eu disse: “Se eu tiver juízo, não aceito”. Porque é uma pergunta vital e eu não sou filósofo, sou sociólogo, minha especialidade é Teoria Social e Sociologia do Trabalho. Mas o tema da moral é em si, por si, um tema filosófico. A meu favor Terezinha, mas é pouco, um crédito pequenininho, é que nos anos 1970, creio que em 1974, passei no vestibular de filosofia da USP. Eu já fazia administração pública na Fundação Getúlio Vargas e falei: “Mas eu quero estudar filosofia”. Só que entrei na filosofia, comecei a cursar, mas vocês se lembram, 1974 era o período do terror. Eu fazia um curso muito puxado na FGV, era professor de escola secundária e de cursinho. Tinha que trabalhar para sobreviver. E os cursos da USP

e o da GV eram muito puxados. E, além de trabalhar, eu tinha que estudar muito, um período, ou à tarde ou à noite, para estudar, senão eu ia fazer um mau curso de graduação. Por sorte, como eu já estava muito avançado no curso da FGV, em administração pública..., onde vinha me dedicando às ciências humanas, acabei me direcionando para a sociologia. Como costume dizer: na Fundação Getúlio Vargas, de Taylor eu cheguei a Marx, passando por Weber.

Foi na FGV que conheci, e fui amigo por décadas, do nosso querido, você deve conhecê-lo, vocês dois, não sei se pessoalmente, Maurício Tragtenberg, uma figura encantadora, erudita. Por isso é que, se eu tivesse juízo, Fernando, eu não deveria ter aceitado essa... Mas ela é por demais provocativa. Então, vou tentar responder essas questões: “A moral é burguesa? Tudo começou com o patrão?”. Vou tentar oferecer elementos para uma resposta que me parece aquela que mais se

aproxima do que eu penso sobre esse tema, fazendo dois movimentos, bastante conectados, de modo muito livre, como disse a Tereziinha, de modo que isso fique um diálogo. Aqui não tem um professor que tem uma resposta pronta, eu já disse que eu precisaria ser filósofo, não só graduado, mas pós-graduado, para enfrentar esse tema.

UMA CLASSE TRABALHADORA CRESCER NO MUNDO SEM DIREITOS

Como estudioso dos temas da teoria social do trabalho, nesta altura da vida, me permito alguma liberdade especulativa... Vou partir do trabalho, que é um tema crucial da humanidade, até porque hoje, centenas de milhões de homens e mulheres simplesmente não têm trabalho, e se não têm trabalho, não sobrevivem, e se não sobrevivem, são considerados sub-humanos. No Brasil, hoje, aumentamos ainda mais o desemprego aberto, que está em quase 15 milhões de pessoas, mais o desemprego por desalento, mais de 6 milhões. Então, temos mais de 20 milhões de pessoas, segundo índices oficiais, sem falar nos 33 milhões de ho-

mens e mulheres no Brasil considerados “subutilizados”.

O que é subutilizado segundo a designação utilizada pelo IBGE? São aqueles homens e aquelas mulheres, e sempre vou falar homens e mulheres, dada a divisão sociosexual, racial e étnica do trabalho. Sem compreender o trabalho, em sua *nova morfologia*, não daremos conta desse tema. Então são chamados de “subutilizados” mais de 33 milhões de homens e mulheres que trabalham menos horas do que precisam para sobreviver. Temos a explosão do trabalho uberizado ou plataformizado no Brasil e no mundo. O que significa dizer que quem trabalha, recebe, quem não trabalha, não recebe, além de estar completamente desprovido de direitos. Assim, temos uma parcela imensa da classe trabalhadora que cresce no mundo e, especialmente nos países do sul do mundo, que não tem qualquer direito. A pandemia, então, não criou essa realidade, mas a desnudou, a devastou ainda mais, porque estão desempregados, na informalidade, mais contaminados os pobres, os negros, as negras, as populações das periferias, as comunidades indígenas, a juventude

sem perspectiva alguma. Qual é a perspectiva que a juventude brasileira tem hoje? Ir para o exterior é a única expectativa para amplos setores dessa juventude.

Vou tentar, então, enfrentar essa questão seguindo este movimento: primeiro, uma nota sobre a moral, de modo que eu articule a minha exposição, em diálogo com o que foi tratado anteriormente. Já disse que a moral é um tema crucial da filosofia, a moral e a ética. Há todo um importante debate acerca das aproximações e diferenciações, que vem desde os gregos. Aliás, vocês foram muito felizes no roteiro deste curso. Ele provoca em todas as direções. Os gregos tinham a sua moral, e vale dizer, a moral de uma pólis grega que se estruturava em cima do trabalho escravo. Nós temos a moral que vai para Idade Média, basta pensar no pensamento dos valores do cristianismo, seja na sua variante católica, seja na sua variante protestante, calvinista e luterana. Temos posteriormente a moral que emerge com a modernidade burguesa, com o mundo da mercadoria. Temos Kant, temos Hegel e temos Marx e sua crítica da moral, que ganhou efetividade histórica

com a Comuna de Paris, em 1871, e as várias tentativas de ruptura da ordem burguesa que lhe sucederam. A moral, tal como posso compreendê-la, estampa um conjunto de valores, um conjunto de concepções que tem um forte vínculo histórico e social. É por isso que podemos falar em uma moral na Grécia Antiga e em uma moral burguesa, ou nas morais da Idade Média, ou nos esboços que se tentaram desenvolver com as revoluções socialistas que, em grande medida, como todos sabemos, foram derrotadas por motivos que aqui não podemos desenvolver, mas que tentaram, digamos assim, oferecer um projeto societal alternativo. Porém, o sistema de reprodução sociometabólico do capital, para recordar István Mészáros, se mostrou muito poderoso.

Muito bem: se eu tiver razão na indicação que estou apresentando aqui, que parte de Hegel, mas segue especialmente a linhagem estatuída por Marx, continuada por Gramsci e Lukács, talvez possamos dizer que a ética expressa uma dimensão mais elevada que a da moral, uma vez que ela avança no desenho e na construção de valores necessários

para que a humanidade se constitua enquanto humanidade livre e emancipada. Mas não é simples esse debate, nem mesmo entre os seguidores da dialética. Assim, a questão que vocês me suscitaram é por certo crucial: a moral é burguesa? Eu começaria respondendo que, se a ética e também a moral são expressões valorativas dos comportamentos humanos reais e concretos, compreendê-las nos remete à concretude da vida cotidiana, onde encontramos o chão social da moral. É aí que ela nasce; não creio que a moral nasça dos céus para a terra. Ela floresce no seio da sociedade mesma, com seus movimentos, ações, antagonismos e confrontações. E, quando dizemos que a moral remete a comportamentos e compromissos que se encontram na própria vida cotidiana, outra pergunta crucial se apresenta: o que é fundamental na vida cotidiana? Qual é o nosso *ponto de partida* para enfrentar a questão decisiva acerca da gênese da moral?

A MORAL TEM DIFERENCIAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS PROFUNDAS

O nosso ponto de partida é o traba-

lho. O trabalho é a chave analítica para começar a desvendar porque não há uma única moral, pois ela, a moral, tem diferenciações histórico-sociais profundas. A moral tem classe, não é um conjunto valorativo suspenso no ar. A moral vigente na Grécia não é a mesma moral da sociedade burguesa que vivemos hoje, uma *moral* um tanto quanto *amoral*, frequentemente desprovida de valores mínimos. Se formos olhar o cenário que estamos vivendo hoje no mundo, e também em nosso país, a situação nos leva a indagações atrás de indagações. Então, frente à questão - a moral é burguesa - eu diria, para começar a responder, *sim* e *não*. A moral é burguesa na medida em que existe uma moral que nasce na modernidade, com Kant, Hegel, que se redesenha ao longo das ações e reações da classe burguesa, comportando diferenças muito profundas neste percurso histórico que começou no século XVIII.

Assim, a moral que nasce na época da crise da Idade Média é esse conjunto de valores que germinam quando uma fração relativamente marginal da sociedade feudal, os negociantes, os homens que faziam

negócios (etimologicamente falando, os que negam o ócio), rompem com a lógica da feudalidade e começam a desenhar um corpus, um conjunto, ainda nesse primeiro momento muito embrionário, de valores que levaram à emergência do capitalismo mercantil e, posteriormente, ao industrial, dando nascimento à modernidade capitalista, tendo a burguesia industrial como nova classe dominante responsável pela desintegração da ordem feudal. Forjou-se, então, um novo código valorativo que não poderia, em hipótese alguma, se descolar da propriedade privada. Neste sentido, então, há uma *moral burguesa* que se sobrepôs à moral da nobreza feudal e do clero. Mas, atenção, se há uma moral burguesa, a moral não nasce com o capitalismo. Esse *modo de vida* fez erigir a moral burguesa e torná-la dominante. Mas é importante recordar que foi uma longa construção, que levou pelo menos três séculos para se consagrar vitoriosa. Sabemos que o capitalismo não se tornou dominante na Revolução de Avis em Portugal, e também não se tornou dominante na Revolução Comercial, durante o Renascimen-

to italiano, nos séculos XV e XVI. O capitalismo se tornou dominante com a Revolução Industrial na Inglaterra e depois com a Revolução Francesa, ambas no século XVIII. Foram pelo menos três séculos para que a classe burguesa se tornasse dominante, para que seu universo valorativo conseguisse se sobrepôr à moral da nobreza e da igreja católica, dominante no feudalismo. Foi por isso que, frente à sua questão – “a moral é burguesa?” - eu respondi, *sim* e *não*. Há uma moral burguesa, mas a moral, vigente em outras épocas pretéritas antecede em muito à gênese da burguesia. A moral, então, é histórica e social, plasmada no universo da vida cotidiana. Ela tinha outra conformação, por exemplo, na Grécia antiga, onde os cidadãos participavam da pólis, com exceção do escravo. Então, não me parece que possa existir uma moral *a-histórica*, pois ela herda e carrega consigo valores diferenciados, clivagens que decorrem de sua condição social que, na pólis grega, excluía os trabalhadores escravos. Um exemplo forte da moral burguesa encontramos, por exemplo, na obra de Adam Smith, para quem

os indivíduos devem ser iguais genericamente, abstratamente, ainda que a sociedade seja desigual. E ela deve ser assim porque a propriedade privada é o fundamento dessa moral e desse universo valorativo, de modo que não nos cabe transformar, alterar essa realidade, uma vez que a igualdade propugnada é abstrata e capaz de conviver com a desigualdade econômica e social. Por isso, é imperioso que compreendamos os distintos *significados* e *sentidos* presentes no trabalho. Pobre da sociedade, como a atual, cujo tempo de vida é, para a maioria absoluta da *classe-que-vive-do-trabalho*, quase que integralmente destinado ao ato laborativo incessante. É uma sociedade infeliz, uma vez que uma massa imensa de indivíduos tem o *dia inteiro destinado a trabalhar, vivem para trabalhar*, quando deveriam *trabalhar para viver*. E isso quando encontra trabalho, uma vez que o desemprego é sempre o maior vilipêndio. Assim, o trabalho é uma questão vital, é uma espécie de chave para se entender a *anatomia da sociedade civil* (Hegel concebia a sociedade civil como a sociedade burguesa, a sociedade de classes), da qual Marx

foi o crítico mais costumaz. E o trabalho é o ponto de partida dos tantos entendimentos humanos, uma vez que foi por seu intermédio que o ser social se tornou humano. Podemos lembrar, no plano fílmico, do belíssimo filme de Stanley Kubrick, *2001: Uma odisseia no espaço*, cuja cena mais espetacular ocorre quando o macaco está batendo instintivamente com os ossos, como ele fazia desde sempre e, de repente, percebe que está dominando a ferramenta, que está não só batendo instintivamente aquele osso em outro osso, mas transformando o osso em ferramenta, com a qual passa a transformar os demais objetos necessários para a produção e reprodução de sua vida. De repente, ele joga aquele osso para a eternidade e o universo salta no tempo, com os astronautas que estão voltando do espaço. É essa *atividade vital*, para usarmos a definição de Marx, que possibilitou à sociedade evoluir dos primórdios até hoje. Conjuntamente com a sociabilidade e a linguagem, o trabalho possibilitou que saltássemos do último macaco, o último ser animal pré-humano... para nos tornarmos humanos. O trabalho, então, confere

fundamento à atividade humana. E essa tese essencial, que encontra seu primeiro grande formulador em Hegel, obteve sua síntese sublime em Marx, que nos ensinou que, ao contrário dos animais, não há trabalho sem consciência. O que se evidencia quando o ser humano se indaga acerca de como vai realizar, dar concretude e efetividade à sua ação, visando a sua reprodução social.

O PRIMEIRO SER HUMANO PERGUNTOU: O QUE EU VOU FAZER E COMO?

Foi partindo dessa concepção inicial que o filósofo húngaro György Lukács, retomando uma formulação aristotélica, pode desenvolver, em sua *Ontologia do ser social*, a tese seminal de que se, na reprodução animal, o ato é puramente instintivo (a formiga faz há milênios sempre a mesma casa, que é o seu formigueiro, e a abelha também, há milênios, cria a sua colmeia), isso ocorre porque tanto a abelha quanto a formiga agem instintivamente. O seu fazer é mecânico, não é reflexivo. O primeiro ser humano a trabalhar conscientemente (como

na cena de Kubrick), é aquele que, originando-se do macaco, opera um “salto ontológico” em seu ser, que o faz perceber que pode transformar a natureza. Foi assim que indivíduos, homens e mulheres, começaram a indagar: “O que preciso fazer para continuar a sobreviver?” Os seres humanos tornados sociais, os primeiros homens e as primeiras mulheres, começaram a perceber, por exemplo, que era preciso armazenar bens coletados, em períodos de normalidade climática, para que, durante o período de gelo ou entressafra, eles não ficassem sem alimentos, o mesmo se dando com a caça e a pesca. A partir daí, a roda da história começa a andar. Se eu tenho um objetivo (“o que preciso produzir?”), faço imediatamente uma segunda e uma terceira perguntas: “Como produzir? Quais os meios e os instrumentos necessários para tanto?” Portanto, o que nos diferencia dos atos instintivos dos animais é o fato de que nós perguntamos: o que vamos fazer e como? E foi assim que se desencadeou um complexo que encontra sua *protoforma* no ato laborativo, no trabalho. Os autores de corte eurocêntrico que

disseram que o trabalho iria desaparecer erraram, pois foram incapazes de compreender a *ontologia singularmente humana* presente no trabalho, para usar uma belíssima síntese de István Mészáros.

E mais, o trabalho não pode ser concebido de modo unilateralizado. Propugnar pelo “fim do trabalho” é uma aberração ontológica, é uma impossibilidade, porque seria impossível a nossa reprodução social. Nenhum de nós que está nesta atividade será capaz de sobreviver se não trabalhar. A menos que tenhamos escravos, e sabemos que tem muita gente que gosta de ter escravos.

O MUNDO DA MERCADORIA PASSA A LEGITIMAR O ENRIQUECIMENTO TERRENO

Veamos como se deu o nascimento da nossa sociedade. Ele se originou das nossas autênticas comunidades indígenas. Nelas, os/as indígenas não *viviam para trabalhar*, mas *trabalhavam para viver*. Esse era o fundamento de seu sistema de reprodução sociometabólico: basta trabalhar algumas horas do dia para garantir a pesca, a caça, a agricul-

tura, sendo as demais horas do dia destinados à fruição, ao gozo, à catar-se, à vida livre. Os portugueses e os espanhóis, depois os holandeses, ingleses, franceses e tantos outros, aqui chegaram e nos ensinaram a “civilização burguesa”.

E o que aprendemos então, com os brancos mercadores nascentes? Passamos a conhecer o trabalho escravo, a mercadoria, o escambo, a troca desigual. A brutalidade da exploração e da espoliação. Davam quinquilharias para os índios, um espelho (que para o índio era uma descoberta, tinha valor de uso) e levavam diamantes e ouros, que para o índio eram, em certo sentido, abundantes. Assim, o ouro não tinha, para o índio, o mesmo *valor de troca* que tinha para a burguesia mercantil nascente que veio para cá, inicialmente, em busca de ouro e de metais preciosos.

Pois bem: assim como é ontologicamente impossível um livro com este título, *Pelo fim do trabalho!* para todos/as (porque aí seria caminhar para o fim da humanidade), também é um grave equívoco o seu contraponto: *Viva o trabalho*, porque se a sociedade se resumir ao trabalho, ela se torna unilateral

e, portanto, nefasta, uma vez que isso seria tolher o *omnilateralidade humana*.

E na sociedade burguesa o cenário ainda é pior, porque uma ínfima parcela da humanidade – a classe burguesa – vive rodeada de riquezas, enquanto o restante, a maioria absoluta da população, que depende de seu trabalho para sobreviver, se encontra desempregada. E a situação se torna ainda mais caótica, uma vez que para muitos nem é mais possível sobreviver pelo seu trabalho, dado o desemprego estrutural que não para de se expandir em nosso tempo.

Foi nesse contexto, Terezinha, que criei há alguns anos a metáfora que denominei de “pêndulo do trabalho”. O que quer dizer isso? O trabalho não pode ser o objetivo maior da humanidade, porque seríamos infelizes. Você imagina se trabalhássemos 8, 10 ou mais horas por dia, que horror seria a nossa vida? E o fim máximo da humanidade não pode ser nem a *exaustão pelo trabalho* e nem a *extinção ou eliminação do trabalho*, porque a sobrevivência humana estaria comprometida. Ou se fará como grande parte das sociedades de ontem e de

hoje fazem: quem vai executar o trabalho árduo, o *fardo do trabalho*? Seja o da escravidão greco-romana, seja a do escravismo colonial, seja a escravidão do assalariamento contemporâneo.

Aqui vou fazer um breve percurso do trabalho no pensamento ocidental, não há tempo para avançar muito, sem falar também que, ao fazer isso, estamos deixando de lado uma parte importantíssima da humanidade, que conhecemos muito pouco. Nós, do Ocidente, tendemos a dizer que *esse é o mundo*, mas de fato o mundo ocidental é uma parte do mundo. Isso sem falar que frequentemente o Ocidente se confunde com a Europa, uma vez que as Américas foram “criação” da Europa, segundo consta da lenda.

Vou recordar uma frase feliz de Marx, que estampa um pouco essa ideia. Ele disse certa vez: “A Europa é o pequeno canto do mundo”. É bonita a frase. Eu até diria: “A Europa é o pequeno e *belo* canto do mundo”. Mas o mundo não se resume a Europa. Se a gente olhar o globo, se eu tivesse aqui o globo (quando eu era criança, eu tinha fixação para ter na minha mesa um

globo, para poder ver onde os países se situavam). Se nós olharmos no globo, constatamos que a Europa é realmente um *pequeno canto do mundo*. Depois da Europa, tem Ásia; depois da Ásia, tem a África; depois da África, tem as Américas; depois das Américas, tem a Antártica etc.

Um breve percurso pelo pensamento ocidental nos mostra, por exemplo, que o trabalho sempre foi concebido pendularmente. No mundo antigo, o trabalho foi compreendido ora como criação, atividade vital e escravidão, ora como servidão, degradação, escravidão. Ora catarse, ora martírio. Para Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, o trabalho não era desonra, mas o ócio, sim, era sinônimo de *desonra*. Ésquilo, em *Prometeu acorrentado*, afirmava que o trabalho não deveria ambicionar nem a riqueza, nem a nobreza. Posteriormente, o trabalho foi concebido em sua dimensão negativa (*tripaliare*), oriundo de *tripalium*, instrumento de tortura. E, se assim foi, o ócio passou a ser valorizado. Porque, então, *o pêndulo do trabalho*? Pela predominância de um movimento que exacerbou, por um lado, ora o mito prometei-

co do trabalho e, de outro, o culto do não-trabalho, do ócio.

Na Idade Média, com São Tomás de Aquino, a unilateralização persistiu, sendo o ato laborativo considerado como *digno de honra e respeito*. Com o protestantismo e suas variantes, presentes em Lutero e Calvino, o trabalho é reiterado como elemento central do mundo. O trabalho capacitaria o indivíduo a se qualificar para chegar ao reino dos céus. E, na contrapartida, quem não trabalha, quem não exerce o seu ato laborativo, não chegará ao reino dos céus. Enquanto a Igreja Católica proibia a usura, com o protestantismo, a reforma protestante, o mundo da mercadoria passa a legitimar o enriquecimento terreno, facilitando o caminho de acesso ao mundo celestial.

Então vejam, no fim da Idade Média, já temos o nascimento de uma nova ética, a ética protestante, que concebe o trabalho como um ato decisivo: quem não trabalha é pária. Não é à toa que a burguesia se origina da classe dos negociantes. O que são os negociantes? Etimologicamente falando, são aqueles seres que praticavam o comércio nos mercados que se ampliavam,

por meio da compra e venda de mercadorias. Eram aqueles, então, que *negavam o ócio*. Essa é a origem etimológica da burguesia negocial que nasce, digamos assim, durante o capitalismo comercial. E assim chegamos com Max Weber e a ética positiva do trabalho. Mas, antes dele, é preciso recordar as contribuições seminais de Hegel e Marx, e assim melhor compreender o trabalho em sua complexidade, em sua dialeticidade. Por isso entendo que esses dois autores ocidentais foram decisivos. O primeiro deles, Hegel, talvez tenha sido o primeiro, na época moderna, a perceber a *dialética do trabalho*, a *dialética do senhor e do escravo*, ou a dialética do *senhor e do servo*. Hegel percebeu que o senhor só se torna *para si* por meio do outro. Tanto é que foi partindo dessas categorias - “em si” e “para si” - que Marx pode fazer sua crítica genial ao trabalho. Segundo esse autor, trabalhar era, ao mesmo tempo, uma atividade humana vital, necessária para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza que, com o advento do capitalismo, transformou-se em uma *atividade imposta, extrínseca e exterior, for-*

çada e compulsória, para recordar suas palavras. E tornou-se também por demais sua referência seminal ao trabalho: “se pudessem, os trabalhadores fugiriam do trabalho como se foge de uma peste!”, conforme consta dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, de sua autoria.

O TRABALHO É UMA ATIVIDADE VITAL, QUE TRAZ VIDA!

Foi Marx, então, herdeiro direto da dialética de Hegel (e arguto crítico do idealismo do Hegel), foi Marx, que, a meu juízo, equacionou a dilemática complexa envolta no trabalho e mostrou que o pêndulo não pode ser visto de modo unilateral: o trabalho não é nem a “salvação eterna” e também não é necessária e estritamente sofrimento, *tripalium*, na outra ponta do pêndulo. Marx mostrou que convivem, na dialética do trabalho, criação e servidão, momento catártico e sofrimento. Vejamos, por exemplo, a obra de Michelangelo: houve ou não muito sofrimento, por tantas décadas de labor, até chegar o momento catártico da criação, quando a obra magistral se concluiu?

Tomemos a escultura do Rodin: não houve sofrimento, muita labuta, trabalho duro, para fazer suas esculturas, ou ainda, para fazer a Porta do Inverno? Décadas as vezes de muito labor, para em um dado momento dizer: terminada, está sublime.

E foi Marx quem percebeu essa profunda contradição que caracteriza a história do trabalho, analisando criticamente a sociedade capitalista. Portanto, não é possível a unilateralização binária: felicidade plena ou infelicidade plena. Dou outros dois exemplos: primeiro, hoje temos no mundo centenas de milhões de pessoas, que se encontram no desemprego. Só fui ter uma dimensão mais profunda desse horror quando estive na Índia e pude presenciar o nível de desemprego real que existe naquele país, do qual o Brasil parece querer ser seguidor... Quem trabalha uma ou duas horas por semana deve ser considerado *de fato*, socialmente como empregado ou desempregado? Se eu disser que quem trabalha uma ou duas horas por semana é empregado, o nível de desemprego diminui; se eu considerar uma ou duas horas por semana como de-

semprego, é evidente que os níveis aumentam. E qual é o primeiro desejo de quem se encontra no desemprego? É se empregar o mais rápido que conseguir.

Não há pavor pior, socialmente falando, na sociedade capitalista, do que o desemprego, porque quando você vivencia o desemprego, qual é o primeiro sonho, o primeiro desejo de um desempregado ou de uma desempregada? É encontrar qualquer trabalho, mesmo que seja o trabalho uberizado, ou seja, desprovido de todos os direitos. Ou seja, quando estou há meses ou anos desempregado ou desempregada, não vou negociar com um emprego que apareceu para ver se tenho direito a CLT ou não. Quero ganhar aquele salário para sobreviver. E o empresariado sabe muito bem disso e utiliza a seu favor.

Segundo exemplo: eu me recordo de um depoimento, que está em um trabalho de uma dissertação de mestrado que orientei, muitos anos atrás, no qual um operário metalúrgico entrevistado, que trabalhava em uma fábrica metalúrgica, trabalho que, sabemos, é sempre exaustivo, mas, mesmo depois de um dia de trabalho, o operário conti-

nuava na fábrica, buscando dejetos da produção, restos da produção, (metal por exemplo) e, com esse material, fazia obras, esculturas. Ou seja, mesmo no trabalho penoso, há sempre alguns coágulos de sociabilidade.

Foi tratando desse profundo complexo social que floresceu a formulação central de Marx, qual seja: herdeiro de Hegel, o filósofo materialista concebeu o trabalho como uma atividade vital (Marx, *Manuscritos Econômico-filosóficos*, de 1844). Isso porque, não há humanidade sem trabalho, sem o exercício ontologicamente basal da *atividade vital*, da atividade que traz vida.

Foi assim que Marx caracterizou o trabalho. Partindo do legado filosófico que começou com os gregos, ele mergulhou na dialética idealista de Hegel, pôde superá-la, dando-lhe uma conformação objetiva, concreta. Essa é a diferença principal entre o idealismo de Hegel e a formulação ontológica materialista do Marx. O trabalho é uma atividade vital, imprescindível, de modo que não é possível encontrar, ao longo da história da vida humana, nenhuma forma de sociedade que pudesse prescindir do traba-

lho, que pudesse dispensá-lo. Isso porque, se a humanidade deixar de efetivar sua *atividade vital*, ela não conseguirá se reproduzir. Se eu não trabalho, alguém terá de fazer por mim. É quando aflora a tragédia e o flagelo da escravidão. Quando se transferem as atividades vitais mais básicas da produção e da reprodução da vida para os “de baixo”, os despossuídos, como a sociedade escravista brasileira fazia com os negros e com as negras, que nós não devemos mais chamar de trabalho *escravo*, mas sim de trabalho *escravizado*, porque os negros e negras africanos que vieram para as Américas foram *escravizados*, eles tinham, lá na África, o seu modo de vida, a sua vida cotidiana, os seus valores, as suas formas comunitárias, as suas religiões, as suas ideologias, independente das tensões que poderiam existir.

E sabemos que foi a Europa e seu capital comercial que impulsionou a dominação escravista, ao incentivar (e mesmo impor) ao mundo africano, ganhos decorrentes da escravização de outros grupos sociais, fornecendo-lhes armas e recursos para vender a “nova mercadoria” humana: a força de trabalho negra

escravizada. Sabemos que há muita pesquisa séria sobre esse vilipêndio. O volume de negros e negras escravizados para as Américas, se incluirmos a América do Sul, Central e Norte, é um escândalo que a humanidade ainda deverá enfrentar e julgar: o que a humanidade fez com relação aos negros e as negras africanas foi (e ainda é) um genocídio de proporções imensas.

E, além desse flagelo histórico que macula toda a sociedade ocidental branca e burguesa, uma vez que foi a partir do desenvolvimento do capitalismo, inicialmente em sua *acumulação primitiva* e depois com a Revolução Industrial, quando o trabalho, concebido inicialmente como *atividade vital*, passou a ser canalizado não mais para a produção da vida, mas para produzir mercadorias, para criar riqueza privadamente apropriada.

Ocorreu, então, uma mutação profunda no *sistema de reprodução sociometabólico*, para recordar aqui a rica conceitualização de István Mészáros em sua obra *Para além do capital*, uma vez que o trabalho, que até então produzia visando prioritariamente o atendimento das necessidades sociais e úteis para

a humanidade, passou a ter todas as suas energias canalizadas para a produção de mercadorias, visando inicialmente o enriquecimento da burguesia mercantil emergente e, posteriormente, da burguesia industrial que se tornou dominante a partir da Revolução Industrial.

NA SOCIEDADE CAPITALISTA, O PIOR PAVOR É O DESEMPREGO.

O trabalho, então, de *atividade vital* se metamorfoseia em uma atividade *extrínseca, exterior, imposta e compulsória*, segundo a formulação marxiana, uma vez que não há alternativa, *there is no alternative*, não há alternativa para a classe trabalhadora sob o capitalismo: ou ela trabalha para o enriquecimento de outrem ou morre de fome. É simples e duro assim, e isso está consolidado, foi se consolidando como algo “normal”, como vamos ver a seguir, na moral burguesa.

Ou seja, o trabalho metamorfoseou-se, transfigurou-se, adquiriu uma *segunda natureza*, pois passou a ser central não mais para a produção de bens socialmente úteis para usufruto do conjunto da humanidade, mas sua energia é drenada

para a produção de mercadorias visando o enriquecimento de seus proprietários.

A relação de trabalho, então, se adulterou. Interpôs-se uma “segunda natureza”, extra-humana, sobre-humana, que não eliminou, mas restringiu e secundarizou a *atividade vital*. A partir do capitalismo, a *atividade vital* não é mais a criação de bens socialmente úteis em abundância para toda a humanidade, e muito menos ainda para a classe trabalhadora.

Então, volto à sua indagação inicial: “A moral é burguesa?”

Não, a moral é expressão de uma processualidade histórica, e é por isso que a burguesia tem a sua moral. E qual é a moral burguesa? Vejamos a seguinte formulação de Adam Smith, que foi um grande economista político da burguesia, das classes proprietárias: “A igualdade geral dos homens como sujeitos num estado coexiste imediatamente com a maior das desigualdades nos graus das posses que os homens têm”. E mais adiante acrescenta: “Portanto, a igualdade geral dos homens também coexiste com a grande desigualdade de direitos específicos, que podem ser

bastante numerosos” (Smith, A., *Lectures on Justice, Police Revenue, and Arms*, citado por Mészáros, I., *Estrutura social e formas de consciência*, Boitempo, 2009, p.121).

Desse modo, a moral burguesa equacionou a sua convivência entre a sua moral, pautada pela igualdade formal geral, apesar da vigência de uma desigualdade social profunda. Naturalmente que a moral burguesa vai dizer: o trabalho é livre, não é mais o trabalho do servo, que era prisioneiro da gleba, não é mais o trabalho do escravo, que era tratado e concebido como uma coisa, era um ser coisal (que, vale recordar, nunca perderá sua verdadeira humanidade e por isso ele se rebelava nos quilombos, nas revoltas, nas rebeliões e nas revoluções, como a do Haiti). Se revoltando, mas também se suicidando, porque o suicídio é uma forma de revolta quando você não tem mais nenhuma perspectiva de vida humana digna. É por isso que são abundantes as formas de suicídio dos escravos em nosso mundo colonial e escravista.

Quando não há mais perspectiva, uma vez que o isolamento, a repressão, a tortura diária, o verdadeiro *tripalium* que marcava a

escravidão, eram marcas da vida cotidiana e quem não trabalhava segundo a ordem senhorial sofria as mais brutais punições e açoites. E aqueles que conseguiram fugir, como no magnífico Quilombo dos Palmares, foram brutalmente perseguidos e mesmo assassinados. É por isso que a história colonial tem tantas tentativas de fuga, para criar uma vida comunal das negras e dos negros que conseguiam se libertar. Portanto, é só em parte verdade que o trabalho é livre, pois se trata de uma *liberdade aparente*. Agora eu pergunto: e se o trabalhador assalariado homem ou se a trabalhadora assalariada mulher, se o trabalhador assalariado homem negro, se a trabalhadora assalariada mulher negra, se a trabalhadora assalariada imigrante, se a trabalhadora assalariada indígena, se eles e elas não trabalharem e exercitarem a negação desse ato laborativo “livre”, o que lhes acontece? Eles e elas simplesmente morrem de fome. Lembremos que por aqui nunca houve *welfare state*. E lá também, no chamado “estado de bem-estar social” da França, da Alemanha, Inglaterra, dos países nórdicos, ele já não é mais o mesmo que tínha-

mos há 40 anos. Todos nós sabemos disso. Resultado: o trabalho é assalariado, é “livre” na medida em que ele não é mais um servo, ele não é mais escravo. Mas ele será livre mesmo? A tomar pelo título de meu livro *O privilégio da servidão*, ele é “livre” apenas na aparência. Devo dizer, eu cuido muito dos títulos dos meus livros. Às vezes, dá quase mais trabalho escolher um título do que escrever o livro rsrs.... *O Adeus ao trabalho?*, por exemplo, veio logo. Antes de eu ter o livro na cabeça, tinha o título. O título *Os sentidos do trabalho* veio com o livro já avançado. E assim vai. *O privilégio da servidão*, então, veio quando eu estava descansando em férias, antes da pandemia, quando a pandemia do capital, digamos assim, não nos tinha afetado nessa dimensão. Eu estava lendo *O primeiro homem*, de Albert Camus (um livro bonito, porque ele está se enfrentando com a história do pai) que, em um dado momento, ele está falando dos imigrantes e escreve algo assim: “Só os acidentes de trabalho, quando trabalhavam para empresas que tinham seguro contra esse tipo de risco, davam-lhes o lazer [...]. O desemprego, que não

era segurado, era o mais temido dos males. [...] O trabalho [...] não era uma virtude, mas uma necessidade que, para permitir viver, levava à morte. [...] Era [...] o privilégio da servidão”. (Albert Camus, *O primeiro homem*, Ed. Nova Fronteira, 1994) Quando li essa passagem, falei: “Achei o título de meu livro: *O privilégio da servidão*”.

A MORAL QUE NASCE COM A BURGUESIA É A MORAL UTILITÁRIA

E o que é o privilégio da servidão? Há centenas de milhões de indivíduos hoje que, se quiserem trabalhar, têm que abrir mão de todos os direitos e aceitar a informalidade, a intermitência, as terceirizações, o trabalho uberizado, o trabalho plataformizado. E por que estou citando isso? Porque o trabalho que mais se expande hoje no mundo se encontra nos serviços. E não só nos plataformizados, entregadores/as de motos e bicicletas, mas motoristas de transporte privado, sendo que o trabalho uberizado ou plataformizado se amplia para uma gama enorme de atividades laborativas. Vejamos o exemplo das trabalhadoras do *care*, das cuidadoras,

que ganharam tanta importância durante a pandemia, com o seu trabalho dos cuidados. A pandemia nos mostrou que, se por um lado, há uma infinidade de trabalhos inúteis, quando não destrutivos, cujo objetivo é somente gerar lucro privado, como o trabalho nas indústrias bélicas – a indústria da morte –, por outro lado, há um conjunto rico de trabalhos profundamente úteis, socialmente úteis, entre eles, os *trabalhos da reprodução*, voltados para a preservação da vida humana. Para dar outro exemplo, por que ter milhões de trabalhadores e trabalhadoras se exaurindo para produzir automóveis, que vão aumentar o aquecimento global, ampliando as mortes por doenças pulmonares, como vem ocorrendo, e não produzindo transportes coletivos (trens, metrô etc.) sem o uso da energia fóssil destrutiva e letal? Por que a sociedade capitalista subvaloriza o trabalho da reprodução social, dos cuidados?

Portanto, o título *O privilégio da servidão* procura indagar acerca de tantos pontos cruciais em relação aos *sentidos do trabalho* na sociedade em nosso tempo: produzir o que? Para quem? Mas ele tem tam-

bém o objetivo de fazer um alerta vital em nossos dias: significa dizer que se os jovens tiverem sorte hoje, Terezinha, eles e elas serão servos, usado aqui como uma metáfora... e não literalmente, como na Idade Média.

O trabalho que se desenvolve nas plataformas digitais e aplicativos que se expandem pelo mundo é aquele que vem sendo denominado de modo mais genérico como trabalho uberizado. E o que significa essa modalidade de trabalho? Basicamente, são trabalhos com jornadas extenuantes, sob condução dos “algoritmos”, programados para rigorosamente controlar e intensificar os tempos, ritmos e movimentos da força de trabalho. E mais: sua consequência mais perversa se encontra em sua conversão “milagrosa” em “prestador de serviços”, em “autônomo”, “empreendedor”, adulterando e obliterando sua real condição de assalariamento, cuja consequência mais nefasta é sua exclusão completa da legislação social protetora do trabalho. O resultado pode ser assim sintetizado: não reclame, é isso ou o desemprego. O que explica que serão privilegiados aqueles que forem servos...

Você imagina a seguinte situação. Eu estou desempregado. Então, vou entrar em uma plataforma para fazer transporte privado de pessoas ou entregar alimentos. Tenho, então, que comprar um carro. Um trabalhador desses, desempregado ou precarizado, geralmente não tem dinheiro para comprar um carro, tal como exigem as plataformas. Então ele financia um carro de 50 mil reais, 60 mil reais, pelo menos. Ele sabe que a plataforma pode bloqueá-lo a qualquer momento sem nem dar explicação, porque o trabalhador não tem sequer como perguntar: “Por que que fui demitido?” É simplesmente bloqueado, ponto, não mais interessa à plataforma. Então, é óbvio que vou trabalhar até me exaurir, até o limite de meu corpo produtivo em sentido amplo, ao que Gramsci chamou de nexo psicofísico, porque não posso ficar endividado, porque os 50 mil que eu financiei ontem o carro, hoje já é muito mais caro, por conta dos juros. Então, não posso sequer pensar em sair da plataforma, estou quase que preso a um trabalho por dívida. Essa é a realidade para muitas trabalhadoras e trabalhadores. Por isso que essas pessoas estão adoecendo,

seu corpo produtivo se destrói, para não falar dos acidentes e mortes, que no caso das motos não param de se ampliar.

Assim essa enorme e crescente força de trabalho só terá direitos se lutar. E as lutas começaram com o *breque dos apps*, que começou amplamente em 01 de julho de 2020 e que vem se esparramando pelo Brasil, para não falar de tantas outras partes do mundo onde as lutas também se expandem.

Então, apresento assim minhas conclusões à importante questão que motivou esta atividade: a produção burguesa, ao valorizar a riqueza social produzida e justificar sua apropriação privada, com base nos valores do liberalismo (e hoje, do neoliberalismo) estatui a *sua moral*, cria um *corpus* valorativo que naturalmente preserva e justifica os seus valores fundacionais, que tem concretude material, se moldam a partir da intocabilidade da propriedade privada. Consequentemente, dizendo de modo breve, pois nosso tempo está se exaurindo, os seus códigos éticos e morais, das classes proprietárias dirão que “claro, é compreensível que o enriquecimento privado gere desi-

gualdades, não é que se objetiva ter desigualdades, mas como a sociedade se estrutura segundo os valores do individualismo possessivo, a desigualdade é uma consequência”, como vimos em Adam Smith. A igualdade abstrata geral não impede o afloramento e a proliferação da desigualdade econômica e social, que não são “desejáveis”, mas tão pouco inevitáveis. Kantianamente, transfere-se para o direito e para o estado a equação dessa “disfunção” econômico-social. É evidente que uma outra moral emerge quando, marxianamente, o trabalho torna-se verdadeiramente livre, autônomo, prevalentemente voltado para a produção de bens socialmente úteis e cujo sistema de reprodução sociometabólico seja estruturado com base na produção coletiva e social, e não a partir da propriedade privada. Por isso, há, sim, uma moral burguesa, como em outras formas societais, os valores éticos e morais eram de outra ordem.

DE ONDE TIRAMOS A IDEIA DE QUE NÓS, BRANCOS, SOMOS SUPERIORES?

Um outro código valorativo, por exemplo, vimos florescer nas co-

comunidades indígenas, que não vivenciavam formas de assalariamento, para citar o caso brasileiro e latino-americano. Do mesmo modo, as comunidades negras que floresceram – e foram trucidadas pela burguesia colonial branca e escravocrata - nos quilombos, viram germinar outros valores humano-sociais. Qual era a beleza maior do Quilombo dos Palmares? Ou das comunidades originárias indígenas? A produção era coletiva, onde não tinha prevalência aquilo que Rousseau assim descreveu: eu coloco uma cerca e digo: “Isso é meu”. Na comunidade indígena não foi assim. Se isso é seu, o outro vai querer também querer ter o dele, vai cobiçá-lo, e é assim que se esparrama a ética do egoísmo, a moral egoísta e utilitária. Então, a moral que nasce com a burguesia é a da razão instrumental, aquela utilitária. Uma outra moral, com valores e fundamentos socialmente mais sublimes fazem parte de um constructo ainda não realizado, utópico, no sentido aqui utilizado de não-presente. Eu fico imaginando, um homem negro e uma mulher negra, um homem indígena e uma mulher indí-

gena, um homem imigrante e uma mulher imigrante, o que a nossa sociedade ainda faz com eles e elas, e ainda achando que nós, brancos, temos uma moral superior! Baseada em quê? Por que somos superiores? Se as pesquisas que temos acerca da origem humana nos informam que o primeiro ser humano que temos notícia nasceu na África e tinha a cor da pele que não era branca, então por que são os brancos superiores? Com base em que valores éticos e morais? De onde tiramos a ideia de que nós, brancos, somos superiores? Para concluir, espero ter dado algumas pistas para ajudar a responder, como sociólogo do trabalho, a intrincada questão da moral na era de prevalência dos valores burgueses, tomando como ponto de partida a complexa temática do trabalho. Tentei refletir um pouco sobre os fundamentos da moral dominante, que é historicamente constituída e plasmada pelo mundo da mercadoria e do capital e de como isso afeta o ato laborativo, que de *atividade vital* metamorfoseou-se em *força de trabalho* coisal cuja finalidade precípua é criar mais valor, mais riqueza para quem a controla e quer

mais, sempre mais. Daí emergem tantas indagações, para as quais a resolução efetiva extrapola o âmbito da moral. É “moral”, por exemplo, o exercício do trabalho sem direitos, em pleno século XXI? É “moral” trabalhar 10, 12, 14, 16 horas por dia, ainda mais em plena pandemia? Ser inexplicavelmente “bloqueado” pelas plataformas que tratam o trabalho humano pela via desumana (ou será anti-humana?) de um algoritmo que as corporações conceberam e controlam em todas as suas dimensões? Não são poucos os que defendem com vigor a validade e “justiça” *desa moral utilitária*, ancorados nos valores dominantes. Os defensores do “*capitalismo de plataforma*”, que se esparramam pelo mundo, são vigorosos em sua defesa. Para eles, não há nenhum problema restaurar práticas pretéritas de exploração e de espoliação do trabalho que foram vigentes nos inícios da Revolução Industrial. E que somente com muitas lutas a classe trabalhadora conseguiu limitá-los e assim conquistar direitos basilares para o trabalho. E, ao assim proceder, começaram a indicar, mesmo que preliminarmente, os traços cons-

titutivos basilares sobre os quais poderá germinar uma *outra moral*. Do mesmo modo, por que o vilipêndio do trabalho que hoje predomina, especialmente no Sul do mundo (na Ásia, África e América Latina), mas não só (basta lembrar o trabalho imigrante global), por que esse contingente amplamente majoritário da *classe-que-vive-do-trabalho* deve aceitar esses valores dominantes, ao mesmo tempo em que vê exaurir o pouco que lhe resta de dignidade do trabalho? O “imperativo categórico” (que uso aqui entre aspas, apenas provocativamente, deixando clara minha *não filiação* a Kant, seu autor), o desafio crucial de nosso tempo, então, é o de (re)inventar um *novo modo de vida*.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

**SOCIEDADES DIFERENTES,
EM TEMPOS DIFERENTES,
CRIAM VALORES DIFERENTES.**

Obrigadíssimo, Ricardo, beleza pura. Você, nesta noite fria, aqueceu a nossa roda de conversa com essa contribuição rica, poderosa, e que vai, a gente sabe, “dar muito

pano pra manga”, como se diz na minha terra. Muitíssimo obrigada. Você já anuncia coisas que a gente andou considerando na nossa conversa, partindo da distinção entre a ética e a moral. Em geral, a gente não faz essa distinção, e a própria etimologia dos termos conduz a isso. Eu busco ética e vou encontrar *ethos*, lá na Grécia, costume; busco moral e vou encontrar *mores*, no latim, que também significa costume. E é exatamente desse costume, que é comum, que a gente parte para fazer a distinção, não separação, porque a ética e a moral não se separam, mas é preciso distingui-las. Quando a gente fala na moral, falamos mesmo desse conjunto de prescrições, valores que você nos traz. Então, elas são múltiplas mesmo. Sociedades diferentes, em tempos diferentes, criam valores diferentes. E a nossa provocação era no sentido de perguntar: por que algumas morais são impostas? Ou ganham aquela dominância, digamos assim. Pensando numa sociedade dividida em classes, a moral dominante é a da classe dominante. Então, sociedade de brancos, moral dominante de brancos; sociedade de patrões, moral domi-

nante dos patrões; exatamente, o que não quer dizer que não haja essa moralidade nos outros. E aí a ética vai se distinguir mesmo, por ser uma reflexão sobre essa moralidade.

Você também apontava isso, quando falava em uma perspectiva humana. Eu acho que é nesse sentido de algo que seja comum a todos, há múltiplas morais. Mas quem sabe a gente tem a pretensão de uma ética que, pelos seus princípios, possa iluminar e deixar a gente pensar sobre as morais? Esses princípios são: respeito, justiça e solidariedade. Vou repetir algo que trouxe durante todo o tempo, que vou buscar em Umberto Eco: a dimensão ética começa quando entra em cena o outro. A existência e reconhecimento do outro são fundamentais. É burguês olhar o outro? O branco olhar o outro? O homem olhar o outro? O ocidental olhar o outro? E quando eu estou dizendo que é preciso considerar o outro não é para a gente ser bonzinho, é porque eu sou o outro do outro, não é mesmo? É isso, é o que faz aquela ideia de que sem servo não há patrão, sem servo não há senhor. Então, esse percurso que você faz é

muito rico, e eu vou deixar que as pessoas tragam contribuições... Na certa estão curiosas. Depois trarei minhas considerações também.

Mas quero te dizer uma coisa: você disse que gostava do globo. Eu também achava ótimo, isso é bom, porque com isso podemos afirmar que a Terra é redonda. É isso aí, vamos abrir, Sabrina, para aqueles que já estão trazendo as suas indagações.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Perfeito. O Fernando Rios está com a mão levantada, se quiser, pode fazer a primeira colocação. Enquanto isso eu vou abrir o chat que também tem uma pergunta da Roberta (Roberta de Lima Oliveira): “Se possível, gostaria de ouvir sobre a alienação do trabalho e quais possíveis alternativas o senhor considera”. Essa é nossa primeira pergunta do *chat*. Fernando, fica à vontade.

FERNANDO RIOS

Olá, Ricardo, que beleza.

RICARDO ANTUNES

Olá, Fernando.

FERNANDO RIOS

Isso enriquece, ilumina e aquece.

RICARDO ANTUNES

Que bom, obrigado.

FERNANDO RIOS

O TRABALHO NUM MUNDO POLIVALENTE

Eu queria bater um papo contigo a propósito de uma frase de que gosto imensamente. A Tê já ouviu isso muitas vezes. Vou a Durkheim para falar sobre a “contemporaneidade do não coetâneo”. E vou um pouco a Lévi- Strauss, na medida em que ele coloca diacronia e sincronia como realidades sobre as quais temos que trabalhar. Bom, o que acontece atualmente no mundo com uma hipervalorização do sistema capitalista? Gostei particularmente de um pequeno texto de Giorgio Agamben sobre o capitalismo de Estado, aquele que, segundo ele, é desenvolvido na China e ele diz que ameaça a humanidade. Temos no mundo vários blocos, temos a Ásia chinesa, a Ásia não

chinesa, temos Áfricas, temos Américas na América, temos a Europa. Ora, para que direção temos que olhar para que possamos utilizar o trabalho, não para viver, mas para conviver com as pessoas? Como você vê o trabalho nesse mundo polivalente?

RICARDO ANTUNES

ETERNIZAR O CAPITALISMO É NEGAR TODA A HISTÓRIA

Perfeito, Fernando. Claro, é uma questão de grande complexidade, nos obriga muita reflexão e debate. Mas gosto muito do Guimarães Rosa. Não consigo achar na literatura brasileira uma frase tão espetacularmente emblemática do que eu vou falar. Guimarães, em um determinado momento diz: “Pão e pães, questão de opiniões”. Genial, realmente, e como *pão e pães é questão de opiniões*, lá vai a minha. Primeiro, acho que uma coisa importante, quando olhamos a história da humanidade, é imaginar que o capitalismo vai se eternizar. É negar toda a história. O genial da história é que ela é um processo que não é teleológico. Essa concep-

ção de Hegel, a de imaginar que a história tem um fim e vai nessa direção, Marx pôde superá-la cabalmente. A história não tem um fim predeterminado, inclusive porque a história humana pode, dentre tantas alternativas, até mesmo desaparecer. Aliás, nunca estivemos tão perto do risco de a história humana virar passado.

Para dar um exemplo aparentemente simples: quando você tem uma pandemia que mata milhões de pessoas em todas as partes do mundo, e grandes empresários que dominam as grandes corporações estão investindo na exploração econômica do espaço, isso me lembra o *Frankenstein*, aquela obra maravilhosa de Mary Shelley, que é uma expressão fotográfica da burguesia nascente. A burguesia quer sempre *ir além, ir além, ir além*, mas chega um momento que o *ir além* pode gerar sua própria destruição. Em um dado momento, a criatura indaga: *de quem você extraiu a minha alma? Você pegou o braço de um, um outro braço de outro, a cabeça de um, uma perna... e de quem veio meu coração?* E o todo-poderoso criador não soube responder ... A criatura indagou algo mais, nesse sentido:

Todo mundo olha para mim e me despreza porque sou horroroso, mas por dentro não sou horroroso. Ou você faz alguém que me ame e, portanto, tem que ter a minha forma e não me desprezar, ou vou te perseguir até o fim do inferno.

É genial essa obra literária, eu a reli recentemente, agora pela segunda vez, em plena pandemia. Não foi fácil relê-la, porque ela é ácida a cada passagem, ainda mais quando sabemos que estamos vivenciando uma sociedade que é muito destrutiva. Estou de acordo com você, não com propriamente todo o desenho do Agamben. Não acho que a China seja mais destrutiva do que o capitalismo de mercado. Já estive lá uma vez. É pouco para conhecer em profundidade a sociedade chinesa. Devo acrescentar que lá estive porque o convite acadêmico foi para vários intelectuais europeus, sendo que eu fui o único latino-americano. A China está longe de ser a maior ameaça ao mundo. Esse papel será muito difícil de ser tirado dos EUA; eles sim se julgam donos do mundo.

Estamos vivendo no presente: o Biden ganhou as eleições do Trump, todos nós tivemos um momento de

sorriso ilimitado, afinal, derrotar o fascismo é sempre algo vital. Mas, no presente, quem está provocando os chineses é o Biden. Não são os chineses que estão provocando o Biden e os EUA. O problema é que os Estados Unidos não imaginam que uma maquinofatura do mundo, como é a China, possa ter mais poderio econômico do que os Estados Unidos. Eu sou um crítico muito áspero do mundo chinês. Se você consultar o meu livro *O privilégio da servidão*, mostro a Foxconn, empresa radicada na China e que produz celulares da Apple e de várias outras corporações. É uma grande empresa de terceirização global. Não existe um produto com a marca Foxconn; ela produz para Apple, Nokia e outras. É capital taiwanês, se esparramou pela China inteira, chegou a ter 1,5 milhão de operários chineses e também em outros países pelo mundo. Tinha até uma unidade aqui em Jundiaí, entre São Paulo e Campinas. Não sei se ainda está na ativa, porque, com a pandemia, nem para São Paulo estou conseguindo ir. Então a China se celebra, se tipifica contemporaneamente pela brutal exploração do trabalho. Mas não é

algo que o mundo capitalista não nos ensina. O mundo capitalista sabe explorar o *corpo*, a *alma*, o *cérebro* e o *intelecto* da classe trabalhadora! Como ninguém!

A CHINA NÃO É O INIMIGO DO MUNDO

Trabalhei numa universidade inglesa em 1997 e 98. Fui convidado pelo meu querido amigo, grande amigo, István Mészáros, que já não vive mais, uma figura encantadora, com quem tive convivência intensa por mais de trinta anos. Ele me convidou para ir para a Inglaterra, quando eu queria fazer o meu pós-doutorado na Itália. Ele me disse algo assim: “Venha aqui para Universidade de Sussex, você vai adorar, você vai ter uma biblioteca com aproximadamente 400 mil livros, vindos do mundo inteiro. Você vai ter muito material sobre a China, sobre o Japão, o mundo asiático”. Para mim, não era tão fácil assim. Eu adoro a Itália, sou professor há 12 anos, convidado de um programa de pós-graduação chamado *Lavoro e immigrazione*, na Universidade Ca’Foscari, em Veneza. Em 1997, eu tinha a Itália como primei-

ra opção, mas certamente não teria, naquele momento, uma biblioteca em língua inglesa com tanta amplitude, especialmente para estudar o Oriente. E a língua inglesa é aquela que nos permite ler tudo aquilo dos povos que não têm a língua inglesa como originária.

Muito bem. Isso para só para fazer um parêntese e agora tentar indicar algo sobre o caso chinês que, para mim, não é socialista. Dou um breve depoimento, que talvez ajude a entender o tamanho do problema. Eu estava na China, em Xangai, com meu amigo Domenico Losurdo, que também havia sido convidado e todos vocês certamente conhecem, de nome ou de obra. Um grande filósofo marxista, muito culto, muito erudito, muito respeitado inclusive na Alemanha. Destaco aqui sua densa crítica ao liberalismo norte-americano. Estávamos juntos andando pelo centro de Xangai, que à noite, parecia Nova York, tilintando com as propagandas do mundo inteiro. Eu dizia: “Domenico... se isso for socialismo, me inclua fora dessa”, lembrando aqui uma frase certa vez usada por Chico Buarque. Me inclua fora dessa, porque lá estavam todas as

transnacionais... E Domenico replicou, acrescentando que nossas conversas sempre foram de um respeito recíproco: “Ricardo, eu estive aqui nos anos 60 e era só mato, isto que estamos vendo hoje era só campo. Aqui tem emprego para a classe trabalhadora”. São duas visões opostas, para mostrar que a China ainda é um enigma. Mas, reitero, eu não vejo a China como uma alternativa socialista, com o desenho que ela tem atualmente, desde as reformas do final do século XX. Mas ela não é o inimigo do mundo. Ela pode ser, como já é, a grande maquinofatura do mundo, e tragicamente explora duramente a sua classe trabalhadora.

Eu lembro, quando estive no México, dez anos atrás, li uma matéria num desses jornais porta-vozes do empresariado: “Venha investir no México que aqui a produtividade do trabalho é mais intensa do que na China”. Como quem diz: “Aqui se explora mais a classe trabalhadora do que na China”. A China tornou-se o *discreto charme da burguesia global*, que o Brasil tinha nos anos 1970, dado o chamado milagre econômico com base na superexploração do trabalho. A China

mostrou que lá tem trabalho, tem emprego, sim. Agora, que trabalho? Aquele que explora intensamente a sua classe trabalhadora que, não por acaso, teve as mais altas taxas de greve no início do século XXI, conforme tantos estudos nos mostram.

QUE TIPO DE TRABALHO NÓS QUEREMOS?

Olha uma pista para ficar em um nível bem concreto: o que nós vimos da pandemia, Fernando? Primeiro, qual trabalho ganhou importância? Os trabalhos da sobrevivência e da reprodução, o trabalho dos cuidados. As trabalhadoras que trabalham nas nossas casas, agora que elas estão de licença e nós estamos fazendo o trabalho delas. Se queremos uma casa limpinhas, é bom acordar mais cedo e ir limpar a casa; se quero almoçar melhor, tenho que dar um jeito de acordar mais cedo e pensar no meu almoço. E se eu não gosto, como não gosto, de cozinha bagunçada, tenho que terminar o almoço e, antes de trabalhar, preciso arrumar minha cozinha. São as trabalhadoras dos cuidados em geral, para dar um

exemplo que sempre foi invisibilizado pelo capitalismo, e considerado equivocadamente como pouco relevante.

Que valor a sociedade dava para os entregadores e entregadoras, Fernando, antes da pandemia? Eram tratados como irrelevantes também. E hoje dependemos, principalmente os idosos, dependemos deles e delas (é sempre necessário enfatizar a divisão sociosexual, racial e étnica do trabalho) para quase tudo: para o remédio de que precisamos, para a comida de que precisamos. E eles e elas estão morrendo, uma vez que, quando se contaminam, sequer têm direitos. Eles se acidentam e não têm direitos. Será isso normal porque são prestadores de serviço, autônomos? Por favor, seria mais fácil falar: “Não vamos pagar direito trabalhista porque queremos burlar a lei”. Então, que trabalho, dotado de qual sentido, temos que recuperar? Por isso falei anteriormente das comunidades indígenas. Claro que não estou propondo uma volta ao século XIV no Brasil. Mas sim ao espírito, ao sentimento, ao trabalho dotado de importância humana e social. Qual é a importância

humana e social de você trabalhar em uma indústria bélica? Qual é a importância humanossocial de você trabalhar com indústrias que produzem agrotóxicos que depois vão contaminar e adoecer o mundo inteiro? Temos que rediscutir tudo isso. “Professor, mas isso é difícil”; eu sei, é difícil, sim. Agora, quem de nós estava preparado, inclusive da nossa geração, Fernando e Terezinha, quem de nós podia imaginar que, nesta altura da nossa vida, íamos ficar mais de um ano e meio trancados em casa por causa de uma doença? Quem podia imaginar que a parte mais rica da Itália, que conheço razoavelmente bem, Milão e seu entorno, presenciasse aquela cena tétrica dos caminhões do exército levando os mortos enfileirados? Centenas de caminhões levando os corpos para serem enterrados longe das suas famílias. É essa a humanidade que queremos e precisamos?

Quer dizer, o nosso escritor inglês tinha razão: “Há algo de estranho no reino da Dinamarca”, há algo de podre no reino da Dinamarca. Há algo de podre em nosso mundo. Por isso, teremos que reinventá-lo. Não é fácil, mas temos experiên-

cias, inclusive as experiências que não deram certo, para saber como não repetir os erros cometidos. Por que fracassaram a Revolução Russa e a Revolução Chinesa?

E a Comuna de Paris que neste ano comemora 150 anos? Vale lembrar que a Comuna de Paris não foi derrotada como a Russa, que fracassou por suas profundas contradições internas. Não houve nenhum exército externo invadindo a União Soviética. Ela fracassou por quê? Estamos obrigados a estudar exaustivamente as causas de seus fracassos, mas me parece necessário aqui fazer uma distinção central: a Comuna de Paris foi massacrada pelo exército francês e sua burguesia; foi derrotada pela força pelos seus méritos seminais, e não por seus defeitos, como a URSS. É claro que são dois exemplos muito distintos, mas estudar a história das revoluções socialistas é vital.

Mas agora o dilema é outro. A pandemia nos mostra que estamos em um beco sem saída. Se vocês perguntarem: “Professor Ricardo, qual é a perspectiva que você vê para o trabalho nos próximos anos?” Se a lógica continuar, se os laboratórios de experimentação do capital con-

tinuarem se intensificando, se hoje temos quase 40% na informalidade, daqui a quatro anos estaremos com 60%? Se o objetivo que paira na cabeça das grandes corporações for cada vez mais trabalho sem direitos, que mundo teremos? Quem tem trabalho, ganha; quem não tem trabalho, não ganha. Será isso que a humanidade quer? Por que tem que ser assim? É a lei do mais forte que vai continuar imperando? Vale a concorrência das grandes corporações para ver quem controla o mercado global? Se for assim, qual é a importância para a humanidade da disputa entre a Apple norte-americana e da Huawei chinesa? Se quisessem beneficiar a humanidade, elas se juntariam e dariam gratuitamente o 5G para todo mundo. Mas a questão não é essa. Temos uma guerra aberta entre elas, a que ganhar, seja norte-americana ou seja chinesa, vai dominar o mercado informacional-digital na próxima década. Isso vai enriquecer uma delas em muitos bilhões e fragilizar a outra. Que ganho real terá a massa de desempregados, precarizados, intermitentes, uberizados etc.?

É por isso que a humanidade está

compelida a reinventar um *novo modo de vida*, e isso passa pelo trabalho, passa por impedir, barrar a destruição da natureza. Não é mais possível continuar assim.

Um exemplo simples para todo mundo entender: cada vez que temos aquecimento global e os gelos derretem, os vírus que estão sedimentados há séculos se esparramam. Os vírus só tendem a aumentar, é óbvio. Cada vez que se queimam mais matas ou se aumenta a produção de gado, aumenta também o aquecimento global. E mais vírus se proliferam. Vamos ter que ter vacina para tantos vírus novos? Estamos vivendo em um modo metabólico de reprodução social que, além de destrutivo, se tornou também virótico e mesmo letal. Vamos ter que enfrentar essa questão crucial, se a humanidade quiser sobreviver nas próximas décadas. Creio que dei algumas pistas para a gente perceber o tamanho da confusão na qual estamos. E tem mais, Fernando, se ainda existe alguma lucidez na intelectualidade burguesa que se locupleta com o que recebe das grandes corporações, ela sabe que o tamanho da crise, a amplitude do buraco, está ficando

cada vez maior e mais profunda. Sabe que sair desse enalacrado não está fácil. Tanto é que, nos últimos anos, aflorou o tema da “sustentabilidade”. Por quê? Porque se não fizer algo, as empresas vão soçobrar também. Elas sabem que com a hecatombe mundial não sobra ninguém. Talvez somente as baratas.

O QUE É A ALIENAÇÃO DO TRABALHO?

Falta responder à pergunta da Roberta (Roberta de Lima Oliveira) A Roberta gostaria de ouvir sobre a alienação do trabalho e possíveis alternativas. Veja bem Roberta, o tema da alienação do trabalho é um dos mais complexos da filosofia da época de Hegel e de Marx. Há uma certa simplificação que decorre da teoria de manual.

O que é, resumida e fundamentalmente, a alienação do trabalho? Foi uma construção que Marx fez a partir da sua primeira crítica filosófica com traços de economia política, presente nos *Manuscritos Econômico-filosóficos*, de 1844. Ele diz assim (aqui faço minha síntese de memória): o mundo do capital

fez com que uma atividade vital se metamorfoseasse em uma atividade instrumental. O trabalho, como atividade vital, foi convertido em força de trabalho para enriquecer a classe proprietária que nasceu com o capitalismo. Houve, como disse anteriormente, a introdução da “segunda natureza”. O trabalho deixou de ter como finalidade a subsistência humana plena para garantir a riqueza privada das classes proprietárias, burguesas. E é no trabalho – e Marx analisou a sociedade industrial, isso é muito importante falar –, que o fenômeno social da alienação se manifesta... É um complexo totalizante, mas que pode ser tratado do seguinte modo: primeiro, o trabalhador e a trabalhadora que produzem não são donos do produto do seu trabalho; eles terminam de produzir e o trabalho se desvanece e vira mercadoria. Esse, aliás, é o fundamento de uma ideia também muito rica e complexa acerca do fetichismo da mercadoria. Porque, na sociedade capitalista, parece que as mercadorias nos comandam; quando na verdade somos nós que produzimos as mercadorias. Se o trabalho que eu produzo, que o trabalhador

assalariado produz, ou a trabalhadora assalariada produz, não lhes pertence, vai dizer o Marx, é porque o seu trabalho também já não mais lhe pertence. O espaço fabril não mais lhe pertence. “Professor, explica melhor.” Assista o Charlie Chaplin em *Tempos modernos*, uma obra prima do cinema. Lembra-se do Chaplin personagem entrando na máquina? Sendo trucidado, ou quebrando a seriação presente na linha de montagem, que o leva a sair apertando qualquer parafuso que visualizasse? Ele sai apertando atrás de todo mundo. Reificado e coisificado, o operário, dentro da fábrica, se defronta com a realidade da alienação.

Eu compreendi isso na primeira vez que entrei em uma grande fábrica automotiva, em meados de 1980, quando estava fazendo minha tese de doutorado em sociologia do trabalho. Visitei uma grande fábrica e pude melhor entender esse complexo conceito. Inclusive, respondi uma pergunta que eu tinha, muito intuitiva, muito simples, nada acadêmica: “Por que há tantas banquinhas de trabalhadores autônomos vendendo cachaça nas portas e nos arredores das fábricas?” Eu entendi.

Depois de ficar oito ou dez horas dentro do inferno do trabalho na indústria automotiva, na década de 1980, qual a primeira coisa que o operário faz, quando coloca o pé fora da fábrica? É tentar “se desligar” do ritmo extenuante e fragmentado do trabalho. É aí que a oportunidade se realiza: se ele tomar umas canas, digamos assim, começa a descoisificar sua consciência, seu intelecto, sua subjetividade, de modo a poder chegar em sua casa não como uma máquina humana estranhada e alienada. Há, portanto, momentos distintos que configuram o processo amplo da alienação: se o trabalhador ou a trabalhadora não se reconhece como ser que se auto comanda, se ele não é um ser que se auto constitui, acaba por não se ver como parte do gênero humano. Ele se torna um ser alheio e estranho, processo que enfeixa a alienação do trabalho. Pude desenvolver amplamente esse conceito em meu livro *Os sentidos do trabalho*. Assim se efetiva, então, o complexo categorial da alienação. E a hipótese que venho desenvolvendo é que, no mundo maquínico-digital, isso se intensifica ainda mais. Não tenho tempo para falar

isso aqui, mas piorou, porque a interiorização da alienação torna-se ainda mais profunda. É muito mais sutil a interiorização. Veja, não tem nenhuma empresa hoje, seja privada ou seja pública, que não coloca um sistema de metas. Nunca vi, em nenhuma dessas empresas do mundo inteiro, nenhuma, que a meta é uma vida digna para o trabalhador e para a trabalhadora, dizendo algo como: “Trabalhe com calma e tranquilidade, faça o que o seu corpo permite, não exagere”. Muito ao contrário, ocorre o oposto, o exato inverso. A minha meta no dia seguinte tem que ser sempre maior do que a meta do dia anterior. Então não precisamos mais do cronômetro do Taylor, agora a meta, interiorizada em nosso cotidiano, tem que ser sempre maior que a anterior.

O TRABALHO QUE ESTRUTURA O CAPITAL DESESTRUTURA A HUMANIDADE

O trabalho, que é um valor, uma vez que é uma dimensão da atividade humana imprescindível para produzir bens, materiais e imateriais, socialmente úteis, é tratado

pelo capital como um não-valor, como um (des)valor, justamente para esconder sua função precípua de criar mais-valor. E é esse o trabalho que o capital de fato valoriza, pois sem ele o capital se desvanece. Mas isso não pode ter essa forma real evidenciada. Ao contrário, ela deve ser obliterada. Pude tratar mais detidamente estas dimensões particularmente nos livros *Adeus ao trabalho?* e *Os sentidos do trabalho*. Que alternativas temos, então? Não posso dizer de outro modo, Roberta, eu as vejo em dois níveis, dois movimentos: um primeiro, aqui e agora, nenhum trabalho pode existir sem direitos e ponto. “Mas o trabalho da empregada doméstica não tem valor?”, dirá uma pessoa desprovida de humanidade. Eu respondo: “Tem muito mais valor, muito mais valor, a trabalhadora doméstica, a trabalhadora dos cuidados, da reprodução, do que imaginávamos; e esta pandemia evidenciou essa realidade, e quem só não vê, repito, quem só não vê é desprovido de coágulos de humanidade. O fato de o capitalismo não valorizar é outra história. Temos que diferenciar o trabalho que o capital valoriza: só aquele que é pro-

ductivo, que lhe dá riqueza, aquele que o capital sabe que não pode eliminar, ainda que possa reduzir intensamente, através de novos mecanismos de gestão da força de trabalho e do incremento tecnológico. O trabalho que é verdadeira e socialmente produtivo para a humanidade, o capital lhe oferece desdém. A principal conclusão que apresentei em *Os sentidos do trabalho* pode ser assim resumida: o trabalho que estrutura o capital desestrutura a humanidade. E o trabalho que estrutura a humanidade, desestrutura o capital. Então, para começar, nenhum trabalho sem direito. Não é legítimo um trabalho no qual o trabalhador é explorado, espoliado e expropriado, como no período da escravidão ou do início da Revolução Industrial. “Professor, você está exagerando.” Sim, para menos. Se estou exagerando é para menos, porque já li depoimento de um trabalhador uberizado que trabalhou 20 horas, porque precisava levar tantos reais para casa. Ele falou algo assim: “Eu dormi pouco, porque tinha que fazer tantos reais, porque senão, não tinha como pagar minhas contas”. Portanto, nenhum trabalho pode

ser desprovido de direitos. A segunda questão, Roberta, é mais profunda. Quando o trabalho humano nasceu, Marx usa a metáfora do caracol e sua concha. Se eu separo o caracol da sua concha, o caracol perece. Se eu separo o trabalho humano dos seus meios de produção, ele perde sua dimensão mais profunda e preciosa. Então, temos que recuperar uma produção onde o caracol e sua concha se reencontrem. Sei que esse é um desafio profundo, difícil, não é fácil. Se não formos capazes de fazer isso, nossos netos serão candidatos ao trabalho intermitente, uberizado, e isso se tiverem sorte, se conseguirem adentrar ao espaço “privilegiado” da servidão. A pandemia está desnudando e exasperando um cenário social trágico, do qual é preciso falar e discutir. Não houve nenhum momento tão difícil na história da sociedade contemporânea como o atual. Parecido com esse, só em 1918, portanto, 103 anos atrás. Minha mãe falava muito, já não vive mais, ela nasceu em 1918, ela falava muito: “Quando eu nasci, teve a gripe espanhola”. Para mim, que era menino, era uma abstração, ela teve a gripe espa-

nhola, morreram muitos na gripe espanhola. Essa pandemia que nós estamos vivendo, vocês imaginem os nossos netos, qual o tamanho da chaga que vai ficar na formação deles? Para não falar dos meninos pobres, que não têm escola, não têm alimentação, não têm ensino digitalizado, não têm nada, só tem o inferno. Qual é a chaga que vai ficar na história dessas crianças? Portanto, nossa sociedade não se preparou sequer para ter um sistema de saúde pública para todos! Quantos morreram por falta de ar e de leitos hospitalares, no Brasil e no mundo? Antes da pandemia, era lugar comum que tudo que der lucro deve ser privatizado. E agora que se privatizou a saúde, por que ela também gera lucro? Por sorte não deixamos privatizar todo o SUS – Sistema Único de Saúde. Vocês lembram quando mudou este governo? Eles fizeram dois ou três ensaios, antes da pandemia, de começar a privatizar o SUS. De repente, veio a pandemia e se o SUS tivesse sido privatizado nós teríamos muito mais do que os 520 mil mortos, que tragicamente contabilizamos hoje.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Ismael, fique à vontade para colocar sua pergunta.

ISMAEL DE OLIVEIRA

O TRABALHO DOS CHINESES E DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Eu vou colocar. Um abraço no Fernando que eu não vejo há muito tempo também. Vou fazer duas colocações, prometo ser rápido. Professor, quando o senhor falava sobre a exploração do trabalho, lembrei de um documentário do Netflix, não sei se o senhor já teve a oportunidade de ver, que é o *American Factory*, ou *Indústria americana*. É a história de uma empresa administrada pelos americanos que passa a ser gerida pelos chineses. Quando os chineses chegam, trabalham chineses e americanos. E a relação do trabalho dos dois grupos é muito diferente. Acaba gerando um conflito muito grande entre eles. Os chineses não entendem por que eles têm folga semanal, por que eles param de trabalhar aos domingos. Isso gera um conflito muito grande. Eu queria ouvir o seu comentário

sobre isso.

Outra consideração, professor. Aqui em São Paulo, há denúncias de que muitas famílias da classe alta não deixaram as suas empregadas voltarem para casa durante a pandemia. Seguraram as empregadas em casa para que não deixassem de ter esse serviço das suas serviçais. Houve muitas denúncias nesse sentido. Muito obrigado.

RICARDO ANTUNES

UMA CHINA AGRÁRIA QUE VAI PARA A CIDADE E NÃO QUER VOLTAR

Perfeito, Ismael. Muito importantes, as suas questões. A primeira, sobre a *Indústria americana*, *American Factory*. Ali tem vários elementos. O primeiro, não acho que seja o mais importante do filme, é que ele se insere num contexto geopolítico no qual os EUA precisam tratar a China pejorativamente. Sabemos que o Trump é uma aberração neofascista de que, felizmente, pelo menos momentaneamente, estamos livres. Mas não do que ele representa, no sentido da política externa dos EUA. Recentemente, o Biden fez questão de

se recompor com a OTAN plenamente e disse com todas as letras: “Nosso inimigo agora é a China”. Já fui muito duro aqui, no pouco que eu falei, em relação ao modelo chinês, mas eu não considero a China o pior perigo, ameaça mundial. A China quer crescer economicamente. Como os Estados Unidos faz há mais de um século, saqueando os povos do mundo. A China, digamos assim, é um imperialismo de novo tipo. É muito difícil caracterizar se aquele regime é “capitalismo de estado”, se é “socialismo de mercado”, um eufemismo para chamar de socialismo uma sociedade onde o Partido Comunista tem milhares de filiados entre a burguesia. Estranho, não? Mas eu não sou um pesquisador da China. Acompanho sua história desde a Revolução em 1949 e procuro acompanhar também um pouco do processo de trabalho lá existente. Minha impressão, se posso assim dizer, é que lá não vigora uma sociedade socialista. Sua transição, vivenciada nas três primeiras décadas, foi travada e hoje a China tem um papel de destaque no tabuleiro do capital. Mas deixo esse tema para os especialistas. Faço somente

um último comentário. Quando reflito sobre a realidade da China, me recordo de uma hipótese apresentada por István Mészáros, filósofo marxista que nasceu na Hungria (tido então como “país socialista”) do qual Mészáros foi áspero crítico e cuja formulação pode ser assim resumida (aqui falo novamente de memória): “As sociedades, como a União Soviética, que realizaram revoluções, puderam iniciar sua ruptura com o *capitalismo*, mas não conseguiram superar o *sistema de reprodução o sociometabólico do capital*, sistema esse que se estrutura com base no tripé: trabalho assalariado, capital e estado”. Trata-se de uma tese muito original e, ao mesmo tempo, muito complexa. Particularmente em seu livro *Para além do capital*, essa tese é amplamente desenvolvida. Posso voltar a ela se houver alguma questão. Mas, para dar outra indicação importante dessa pista analítica, Mészáros nos diz que o capital existiu antes do capitalismo, como ocorreu com o capital mercantil ou comercial, por exemplo, e, ao analisar as sociedades pós-revolucionárias, ele desenvolveu a tese de que, na URSS e nos países do então Leste Europeu,

se desenvolveu um tipo particular de capital, que ele denomina como *capital pós-capitalista*, um *capital de tipo soviético* que, ao longo de muitas décadas, acabou por impedir a demolição do sistema do capital. Agora posso passar ao filme *Indústria americana*. Estudando intensamente o toyotismo, estando por um curto período na China, pensei: estamos vendo a expansão espetacular da variante *chinesa do toyotismo*. Dada sua origem ainda mais *asiática*, essa variante é ainda mais dura do que a japonesa. Um traço dessa variante está expresso na volúpia dos novos burgueses chineses que criticavam os ritmos “lentos” do operariado dos EUA, além de coibirem qualquer possibilidade de ação sindical. Repito que esse filme deve ser contextualizado geopoliticamente. Mas as condições de trabalho na Foxconn, como mostro em meu livro *O privilégio da servidão*, falam por si só. Em 2017, por exemplo, 17 operários tentaram o suicídio na Foxconn, sendo que 13 morreram.

Sabemos da história da miséria chinesa, antes de Revolução de 1949, onde parte da população comia ratos. E a China foi o país com um

enorme fluxo migratório interno, uma vez que, com as transformações sofridas pela Revolução depois da morte de Mao, o desenho autárquico existente, com sua produção voltada para dentro, abriu-se para o mundo capitalista e deu-se uma explosão urbano-industrial que gerou um novo fluxo migratório do campo para a cidade. Cidades inteiras foram construídas na China para dar residência e casa para os novos migrantes. Então, é diferente, um trabalhador rural, que trabalhava nas comunas rurais e chega à cidade, de onde não quer sair.

E essa enorme força industrial de reserva tem sido intensamente explorada pelas corporações globais que se esparramam pela China. Além do caso da Foxconn, que mencionei, lembro também da Huawei e da Alibaba, duas grandes empresas chinesas que praticam, em várias de suas unidades, o sistema chamado S-996. Sabe o que é esse sistema? É assim: os seus operários e as suas operárias trabalham das nove da manhã às nove da noite, seis dias por semana. Fácil, não? São 72 horas de jornada de trabalho e um dia para descanso. E haverá de ter um patrão, dentro

desse novo empresariado predador chinês, que vai dizer: “Mas não está bom um dia de descanso?”

Esse, então, é o mundo em que estamos vivendo. O próximo passo é uberizar todos os espaços de trabalho em que essa pragmática for possível de ser utilizada. Sabemos que na indústria de transformação, isso é mais difícil, mas, se as lutas operárias não foram capazes de travar esse processo, o capital haverá de criar o seu novo Frankenstein e fazer com que haja uma demolição completa dos direitos do trabalho. Aliás, o toyotismo já ensinou que isso é possível e o fez quando generalizou a praga da terceirização.

ABOLIR A ESCRAVIDÃO E PROIBIR O TRABALHO SEM DIREITOS

Para concluir, trago um exemplo recente: um anúncio procurando uma trabalhadora doméstica em Campinas. Foi publicado em um site onde se solicitava uma trabalhadora *full-time*, que descansasse com folga uma vez por mês, trabalhasse 8:45 horas por dia; que fosse cuidadora de duas crianças e limpadora da casa, além de acompanhar a educação das crianças e

secretariar os patrões. Exigia-se que a candidata à vaga tivesse tomado a vacina da Pfizer, e fosse dotada de “boa bagagem cultural”. O salário oferecido era de R\$ 1.600, pago mediante o fornecimento de nota fiscal, portanto, sem o registro na carteira de trabalho. O anúncio gerou muito protesto. Eu mesmo dei uma declaração para o jornal da cidade. O repórter me ligou: “Professor, o que você acha disso?” E eu: “Se eu for dizer o que acho, você não vai publicar. Então, vou dizer o que acho de modo que você possa publicar.” Mas é um acinte...

Mais um exemplo aviltante de um país, Ismael, que aboliu a escravidão e impediu os negros e negras de trabalharem no mundo urbano e industrial. Vocês se lembram que a primeira massa de trabalhadores assalariados para a produção de café, aqui na região de Campinas, foi de origem europeia, branca. O que se pode imaginar de uma sociedade que “concedeu” aos negros e negras a abolição da escravidão, mas lhes tolheu o direito ao trabalho assalariado no mundo urbano industrial? As mulheres negras foram trabalhar como domésticas. Você não vê esse acinte que existe no Brasil

tão facilmente pelo mundo. Aqui se têm três, quatro, cinco trabalhadoras como empregadas domésticas nas casas das famílias de classe média alta e da burguesia. E essa é uma trágica fotografia deste país, de modo que o caso citado parecesse normal para a patroa imprevidente. Veja, tivemos mais de um século de luta das mulheres trabalhadoras domésticas para conseguir uma legislação protetora do trabalho. A PEC das Domésticas foi aprovada em 2013, 70 anos depois da CLT, que data de 1943. E hoje estamos presenciando uma nova era de brutal regressão nos direitos do trabalho, em escala global, vale dizer, ainda que sempre mais acentuado neste nosso triste país, do qual o trabalho uberizado é o maior exemplo, dentre tantos casos e modalidades aviltantes de trabalho. Assim, enquanto não enfrentarmos abertamente a chaga da escravidão do trabalho, da era colonial à era digital, não seremos um país sério.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Tempo regulamentar esgotadíssimo, infelizmente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

NEM TUDO QUE É HUMANO TEM CARÁTER POSITIVO

Obrigado Ricardo, por essas ricas reflexões que você nos traz. Só para finalizar, eu acho que há possibilidades de a gente explorar o seu trabalho, de a gente retomar as coisas que você colocou e seguir adiante na conversa com você, ainda que não seja por aqui. Meu pai gostava de usar uma expressão assim: “Faço minhas as suas palavras.” E eu vou copiar o meu pai, fazendo minhas as suas palavras no final. Senhor juiz, pare agora, a ideia de que é preciso parar. E é por isso mesmo que eu acho que depois destas perguntas - A moral é burguesa? A moral é masculina? A moral é branca? - a gente vai perguntar o que é a ética. E aí tudo começou com os seres humanos mesmo, com uma perspectiva de ficar juntos, de criar um mundo comum. É isso que nos move para a frente. O horizonte da ética é o bem comum, é essa vida humanizada no sentido que você fala, porque nem tudo que é humano tem esse caráter positivo. Mas veja, o Savater, que eu mencio-

nei aqui, ele diz que a ética é sempre uma ética para tempos difíceis. Não há uma ética para tempos fáceis. Para os tempos fáceis, bastam a rotina e os costumes estabelecidos. Quando as coisas vão bem, quando tudo nos sorri, quando tudo está certo, a gente não precisa de falar em ética. Foi essa a intenção ao trazer a nossa discussão aqui. É porque há a necessidade de ética. De moral, as instituições, as sociedades já estão encharcadas. O que tem faltado é a ética, foi com essa intenção que a gente trouxe essa discussão. E quero agradecer muito a todos que estiveram conosco aqui. E a você, muito particularmente.

Quero refletir neste momento, Ricardo, e pensar em uma perspectiva utópica que a ética traz: o bem comum ainda não está pronto, é um ideal, e o ideal não é o inatingível, é utopia, não significa que é impossível, apenas o que ainda não existe. Ainda não é a expressão da esperança. Eu gosto de contar uma história de nossa filha, não é, Fernando? Quando ela começou a namorar, a gente perguntava: “Você está namorando fulano?” Ela respondia: “Ainda não”. Alguém diria:

“É uma menina presunçosa”. E nós dizíamos: “É uma menina esperançosa”. Ainda não temos esse mundo que desejamos, mas você quer viver para ver quando ele estiver acontecendo. E não é se Deus quiser, é se nós quisermos, se nós nos mobilizarmos para isso. Superobrigada a todos. Na sequência, vem o Segundo Módulo.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Quero agradecer a todos e todas que permaneceram com a gente, muito obrigada, professor Ricardo, pela sua fala instigante. Obrigada também a você, Terezinha, pela condução dos encontros.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Sabrina, não posso fechar sem um obrigado muito especial a você e a Andrea (Andréa de Araújo Nogueira), porque não fosse a disponibilidade para esta parceria ótima com essa instituição da melhor qualidade que é o Sesc, a gente não teria condições mesmo de concretizar o projeto. Obrigada por ter vocês aqui todo tempo e obrigada por seguirem confiando em nós.